

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD

Rodrigo Torres do Nascimento

**VISUALIDADES ESTUDANTIS NA ESCOLA E NAS
REDES:
Instagram na aula de artes**

Rio de Janeiro
2020



Rodrigo Torres do Nascimento

**VISUALIDADES ESTUDANTIS NA ESCOLA E NAS REDES:
Instagram na aula de artes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Orientador (a): Prof^a. M^a. Erika Machado Njaime.

Rio de Janeiro
2020

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

N244 Nascimento, Rodrigo Torres do

Visualidades estudantis na escola e nas redes: Instagram na aula de artes / Rodrigo Torres do Nascimento. - Rio de Janeiro, 2020.

36 f. + 16 f. (produto educacional)

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Erika Machado Njaime.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Comunicação visual. 3. Comunicação e cultura. 4. Redes sociais. I. Njaime, Erika Machado. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Rodrigo Torres do Nascimento

**VISUALIDADES ESTUDANTIS NA ESCOLA E NAS REDES:
Instagram na aula de artes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: 05/04/2021.

Banca Examinadora:

M^a. Erika Machado Njaime (Orientadora)
Colégio Pedro II – Centro de Referência em Educação Infantil Realengo

M^a. Rosiane de Jesus Dourado
Colégio Pedro II

M^a. Vivian Greco Cavalcanti de Araujo
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2020

A todos os estudantes e professores
que tivea oportunidade de conhecer.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Erika Machado Njaime, por ter aceitado orientar essa pesquisa com enorme dedicação.

À professora Vera Rodrigues, por ter acompanhado nossa turma por uma parte significativa do curso de especialização.

A meus queridos alunos, com os quais tenho a grande oportunidade de aprender.

A todo corpo de funcionários, estudantes e professores do Colégio Pedro II.

Às todas as escolas que tive a oportunidade de estar.

À minha mãe, Nilza Torres, por todo o esforço e contribuição aos meus estudos.

Ao meu amor, Átila Mourão Lima, por ser um grande companheiro.

À toda minha família, em especial a Millena, Edilson e Reginaldo.

À minhas colegas de turma do curso de especialização.

A rede pública e gratuita de ensino.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa
a si mesmo, os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

RESUMO

NASCIMENTO, Rodrigo Torres do. **Visualidades estudantis na escola e nas redes: Instagram na sala de aula.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

Apoiado na observação das imagens e autoimagens de jovens estudantes de uma escola no município de Belford Roxo, região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, a pesquisa discute a relevância e sentidos das visualidades abordando aspectos teóricos da imagem e sua relevância na formação de indivíduos e coletivos, buscando contribuir com os estudos da Cultura Visual e da Arte Educação, refletindo sobre criações, trânsito e efeitos de imagens caras a parte da juventude brasileira, como autoimagem, *selfies* e imagens de outras ordens, postadas na rede social Instagram, destacada nesta pesquisa como a principal ferramenta de diálogo imagético da juventude. Nesse caminho a pesquisa busca evidenciar os jovens estudantes como criadores de suas imagens e detentores de notoriedade contra padrões imagéticos dominantes, tomando a circulação de suas imagens como notável militância visual. Modos de ser e de aprender a ser que desafiam, de certo modo, a atualização da educação escolar face às produções curriculares confrontadas e contaminadas pelas redes e visualidades que emergem nos cotidianos escolares.

Palavras-chave: Juventude. Cultura visual. Redes sociais.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Rodrigo Torres do. **Visualidades estudantis na escola e nas redes: Instagram na sala de aula.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

Supported by the observation of images and self-images of young students from a school in the municipality of Belford Roxo, metropolitan region of the State of Rio de Janeiro, the research discusses the relevance and meanings of visualities by addressing theoretical aspects of the image and its relevance in the formation of individuals and collectives, seeking to contribute to the studies of Visual Culture and Art Education, reflecting on creations, traffic and effects of images dear to Brazilian youth, such as self-image, selfies and images of other orders, posted on the social network Instagram, highlighted in this research as the main tool of youth image dialogue. In this way, the research seeks to highlight young students as creators of their images and holders of notoriety against dominant imagery patterns, taking the circulation of their images as remarkable visual militancy. Ways of being and learning to be that challenge, in a certain way, the updating of school education in the face of curricular productions confronted and contaminated by the networks and visualities that emerge in school daily life.

Keywords: Youth. Visual culture. Social networks.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 -Registro do cotidiano de uma das aulas de artes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	15
Fotografia 02 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	17
Fotografia 03 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	19
Fotografia 04 -Registro do cotidiano de uma das aulas de artes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	20
Fotografia 05 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	22
Fotografia 06 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	23
Fotografia 07 -Registro do cotidiano de uma das aulas de artes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	24
Fotografia 08 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	25
Fotografia 09 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	27
Fotografia 10 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	27
Fotografia 11 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	28
Fotografia 12 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	28
Fotografia 13 -Registro do cotidiano de uma das aulas de artes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	29
Fotografia 14 -Registro do cotidiano de uma das aulas de artes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	30
Fotografia 15 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor.	31
Fotografia 16 -Registro do cotidiano de uma das aulas de artes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	31

Fotografia 17 -Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	32
Fotografia 18 .Registro do cotidiano de uma das aulas de artes. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	33

LISTA DE CAPTURAS DA TELA

Captura da tela 01 - Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	14
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	VISUALIDADES ESTUDANTIS NA ESCOLA E NAS REDES	16
2.1	Currículos e visualidade nas escolas	17
2.2	Autoimagens em rede	21
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	35
	APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL	37

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a educação formal, independente do grau de participação nos processos formativos, não domina, incólume, a formação dos jovens e futuros cidadãos, outros elementos interagem, atravessam, impregnam, deslocam e reorientam o que se aprende nas escolas. Em outros termos, a busca ou aceitação de outros alicerces formativos, fora do repertório autorizado dos currículos oficiais, evidencia a força das culturas dos estudantes na disputa pela afirmação de formas de existir. Isto implica na involuntária interferência e intervenção no aparato escolar.

O princípio da escola que ainda deseja ensinar tudo a todos a um só tempo e ao mesmo tempo se desmonta diante das culturas permanentemente dinamizadas pelos jovens que se encontram e produzem outros conhecimentos que embora ocupem o mesmo espaço escolar oficial, produzem uma outra rede de saberes e práticas educacionais. Nesta, no que ousou a denominar de “escola dos estudantes”, as práticas se ajustam às verdades de seu tempo, mesmo que ainda subterraneamente na indisciplina, desobediência e transgressão. Estes últimos aspectos têm ganhado relevância na formação dos indivíduos, pois denotam mais que delito, mas o fortalecimento da subjetividade, os pertencimentos identitários, a afirmação das diferenças, o desenvolvimento dos corpos coletivos, os avanços das redes de subjetividades e, sobretudo, a presença do corpo encarnado.

A questão que deflagrou minha pesquisa foi o distanciamento entre os currículos oficiais e a produção de saberes criados e dinamizados pelos jovens que tive a oportunidade de dialogar enquanto professor¹ da Educação básica. Saberes que seriam úteis e até indispensáveis à formação continuada que a vida nas escolas proporciona aos seus profissionais, sobretudo os docentes. Partindo do pressuposto que todos estamos sempre expostos ao aprendizado, vamos à escola atual ainda para aprender e ensinar, contudo, de muitas maneiras e meios, para além dos métodos e programas convencionais, ou seja, talvez como sempre tenha sido a relação entre estudantes, professores e instituições escolares, todos sempre atravessados pelos seus tempos a despeito da performance da aparente manutenção das tradições.

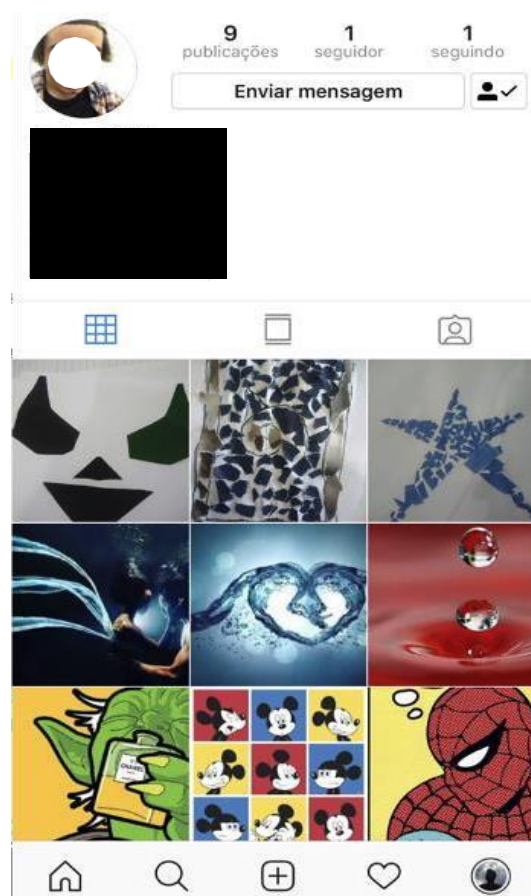
Distinto de qualquer outro momento da história da humanidade, hoje é possível conversar e enviar textos, imagens, músicas, vídeos, de forma instantânea para uma ou várias pessoas de qualquer parte do mundo por meio de um aparelho de celular. Os tempos atuais presenciam uma gigantesca e intensa “viralização” de visualidades. O trânsito de imagens via

¹ Leciono no Ensino Fundamental e Médio a disciplina Artes Visuais, em uma escola da rede particular de ensino, situada no município de Belford Roxo, cidade metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

redes de comunicação virtual alcança inimaginável volume e trânsito incontrolável que contém todo tipo de imagem.

As imagens, centrais no campo teórico no qual fundamento essa pesquisa, ou seja, a Cultura Visual, são absolutamente relevantes na educação contemporânea, pois são instrumentos necessários ao diálogo e elucidação das visualidades que envolvem todos os processos e meios formativos. Busco aqui uma ampliação e um aprofundamento do conhecimento das culturas juvenis contemporâneas por meio de suas manifestações estético visuais que circulam e se destacam nos cotidianos escolares. A relação da juventude com as redes sociais de proliferação de imagens é bem superior ao se comparar com as tecnológicas convencionais da Educação Básica, isso demonstra como a imagem ocupa uma importância ímpar na vida das crianças e adolescentes.

Captura da tela 01: Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

As muitas imagens produzidas pelos jovens e lançadas na rede são fontes indispensáveis para a compreensão da atualidade e, sobretudo, das realidades das juventudes. Vídeos capturados na rede e editados domesticamente, “memes”, *gifs* e a *selfies* são novas formas de conversação digital. A *selfie*, por exemplo, uma espécie de autorretrato que é produzido com auxílio de um *smartphone*, é a primeira forma de um grande número de pessoas se lançarem fora do reduzido espaço do indivíduo. E isso é muito significativo dentro da cultura juvenil contemporânea. O Instagram, rede social de maior popularização entre os estudantes que tenho a oportunidade de lecionar, é hoje a principal ferramenta de diálogo social visual entre os jovens e, por ter a característica de ser uma rede social exclusivamente visual, é de grande relevância para esta pesquisa. Busco, com a rede social, além de criar vínculos com os estudantes, também me debruçar sobre a relevância imagética da juventude e a urgência de se refletir sobre os aspectos educacionais que devem ser privilegiados. Percebo cada vez mais que uma relação de respeito por parte de quem lhe é designado ensinar, nesse caso, o professor, para com aqueles que são colocados no lugar de aprendizes é fundamental.

Fotografia 01: Registro do cotidiano de uma das aulas de artes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

2 VISUALIDADES ESTUDANTIS NA ESCOLA E NAS REDES

Busco iniciar esse texto entrando no conceito de currículos praticados (OLIVEIRA, 2003) que desmonta a visão das práticas escolares que se dão pelo viés dos limites disciplinares e disciplinados e evidencia a plasticidade da ação pedagógica na incontável movimentação do cotidiano, movimentação na qual tudo tem lugar, produz sentido e a ativa participação na formação dos estudantes, mesmo aquilo que a oficialidade escolar condena, exila e/ou desconhece.

Refletindo com Inês Barbosa de Oliveira (2007) acerca dos estudos do campo do currículo, percebo que os processos de ensino e aprendizagem não se deixam enquadrar pela aplicação de conteúdos curriculares previamente estabelecidos no interior de um ambiente previamente estabelecido para essa finalidade. Diferindo dos debates relacionados às propostas curriculares, a noção curricular à qual espreito nessa pesquisa decorre de outra dinâmica escolar.

O conhecimento se tece em redes que se tecem a partir de todas as experiências que vivemos, de todos os modos como nos inserimos no mundo à nossa volta, não tendo, portanto, nenhuma previsibilidade nem obrigatoriedade de caminho, bem como não podendo ser controlada pelos processos formais de ensino/aprendizagem. A ideia da tecitura do conhecimento em rede busca superar não só o paradigma da árvore do conhecimento, como também a própria forma como são entendidos os processos individuais e coletivos de aprendizagem — cumulativos e adquiridos — segundo o paradigma dominante. A ideia da construção do conhecimento usando a imagem da árvore pressupõe linearidade, sucessão e sequenciamento obrigatório, do mais simples ao mais complexo, dos saberes aos quais se deve ter acesso (OLIVEIRA, 2007, p. 86).

Ao longo da investigação, muitas práticas e criações juvenis surgiram portadoras de potência epistêmica, realizações estéticas que consolidavam laços e abrigos identitários e para tanto implicavam na criação de modos de estar no mundo e conduzi-los; técnicas de comunicação, recurso à símbolos, referências visuais com audaciosa criatividade, surgiam como percursos existenciais, que entre outros parapeitos, conduziam os jovens às escolas, incluindo modos de criar outros espaços dentro do campo estratégico (CERTEAU, 1994) escolar. Cartografias – ou melhor dizendo, a/r/tografia, pesquisa educacional baseada em arte – de vidas ainda curtas amalgamavam espaços e tempos em trajetórias esteticamente afirmadas envolvendo corporeidade, vocabulários, sotaques e pronúncias, gestos e movimentos, expressões faciais, e sonoridades que, redundavam no espetáculo pessoal e coletivo de ambos os corpos.

2.1 Currículos e visualidade nas escolas

Inspirada nas investigações de Marilda Oliveira de Oliveira (2013) e comprometida com a a/r/tografia e com a noção de que os processos de ensino e aprendizado derivam de construções sociais e culturais cujos contextos seriam o nexo que articula as dimensões empíricas e conceituais da experiência pedagógica, a pesquisa, observa que os estudantes, por meios diversos, enunciam conhecimentos sobre o mundo e a realidade em que vivem. À medida que o conhecimento é fundamentalmente expressão da atividade humana e as atividades humanas implicam em relações com o outro, os saberes em geral coincidem na substância irredutivelmente social e cultural de seus conteúdos. Outrossim, uma vez que assumo a hipótese do caráter pedagógico da experiência educacional vivida por alunos que tendem a ser vistos como alheios aos valores e critérios escolares tradicionais, a pesquisa se valeu do diálogo com os protagonistas do cenário da investigação, os estudantes.

Fotografia 02: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

O território específico da pesquisa foi o *espaçotempo* das aulas de arte, onde e quando foi possível investir na partilha (professores/investigadores/estudantes) dos momentos de criação artística através da imagem. A experiência fundiu a atividade docente com os propósitos investigativos de modo que, menos que guiar os estudantes em uma jornada de informação, instrução ou esclarecimento acerca dos conteúdos curriculares das Artes Visuais, o desafio consistiu em atravessar as jornadas dos encontros expostos às visualidades que envolvem as suas vivências além de pôr à prova os referidos conteúdos face a atualidade da iconosfera (MITCHELL, 1986).

Nos termos propostos por um ponto de vista *artográfico*, em que o processo pedagógico é mediado pelo que é compreendido como expressão artística dos sujeitos envolvidos.

Ao colocar a criatividade à frente no processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, a *a/r/tografia* gera insights inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar, e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor. O ponto crítico da *a/r/tografia* é saber como desenvolvemos inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento. (DIAS, 2013, p. 9-10)

Considero a visualidade como modo de ser e fruir a imagem também resultante do cuidado de si (FOUCAULT, 2002) e da projeção dessa criação no mundo, ou seja, como cada jovem edita as suas imagens pessoais e como cada uma dessas imagens funciona como parte vital das transitórias paisagens dos seus coletivos. Tais imagens, conforme a pesquisa pode constatar, eram indelévelmente se destacadas dos imaginários, das práticas linguísticas, dos afetos e demais identificações que uniam seus praticantes e autores, sobretudo das preferências estéticas que as realidades juvenis açambarcam e produzem. Este entendimento levou a investigação avançar no universo das preferências e referências estéticas e artísticas dos jovens interlocutores. Entrar em contato com a circulação das imagens, meio aos seus circuitos culturais, desafiou conhecer suas potencialidades, os modos de fazer e apreciar as imagens para além das concepções e limites curriculares interiores e exteriores às escolas.

O entendimento, aqui aplicado, é de que todas as imagens produzidas pelos/com os jovens colaboradores da pesquisa, os estudantes das escolas que tive a oportunidade de conhecer, criadas muitas vezes de forma espontânea e aparentemente despreziosa, vez ou outra, também evidenciariam contaminações dos valores hegemônicos antagônicos aos seus coletivos de origem, assim como eram atravessadas pelos pastiches fartamente produzidos pelo mercado, contudo, sempre aportavam, ostensiva ou clandestinamente, algum interesse de afirmação existencial, de rastro criador e transformador do mundo, em menor ou ostensiva

escala, comum a toda humanidade. Mundo de mundos transitórios, mesmo em sua volatilidade favorece a ação tática (CERTEAU, 1994) necessária em muitos momentos. No caso das escolas, as imagens fugazes que emergem sob o peso da uniformização são pistas de outra dimensão de saberes que são criados e partilhados inseparáveis da oficialidade curricular. Por meio das imagens indícios diversos apontam, portanto, a multiplicidade de currículos e de escolas que habitam e convivem no mesmo espaço, mas, nem sempre na mesma temporalidade.

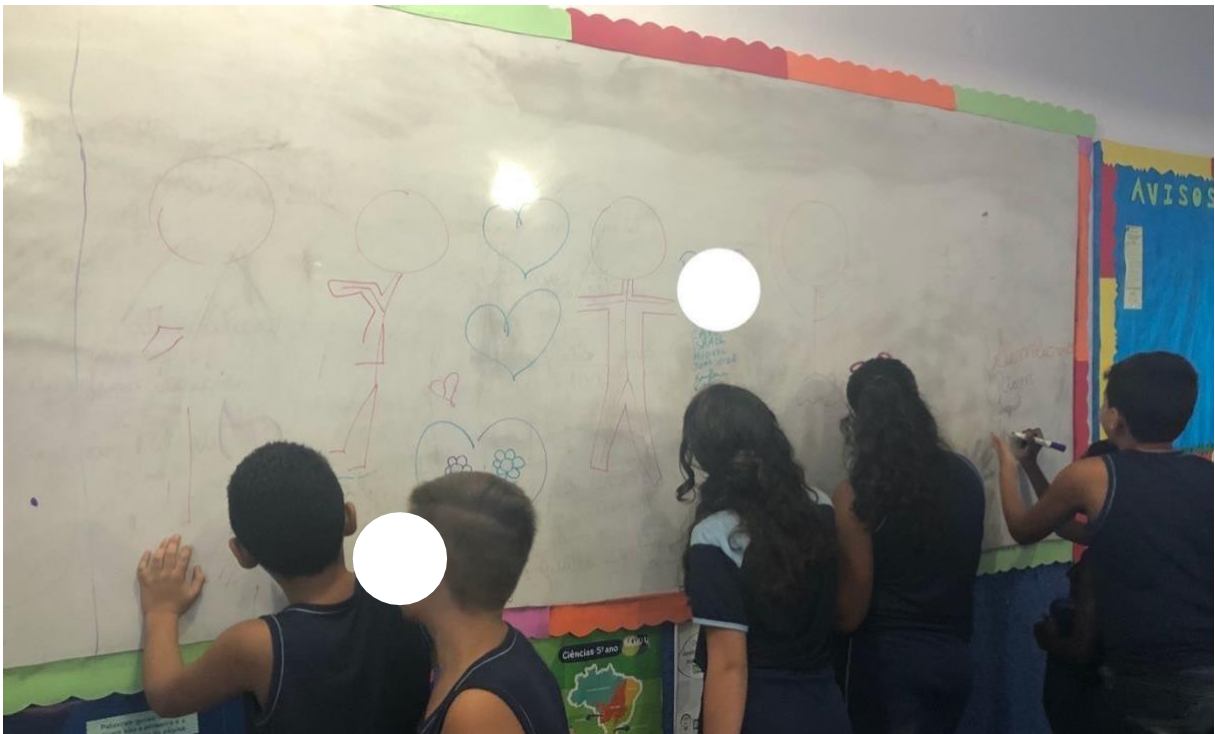
Fotografia 03: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

É incontestável a intensa relação dos jovens com o mundo das imagens. A juventude, entre muitos aspectos, se caracteriza pela intensificação da criação do mundo iniciada nos primeiros momentos da vida de todos os indivíduos. Criação mediada pela sedução por toda sorte de experiência estética que pontua esse período indefinível em termos temporais. Assim, o universo visual predomina no cenário das experiências mais fascinantes. Nas escolas especificamente, o trânsito de imagens e informações que catalisam as atenções e absorvem o tempo, compete, e muitas vezes vence em termos de assimilação e aplicação, com grande parte dos saberes outorgados pelos currículos escolares.

Fotografia 04: Registro do cotidiano de uma das aulas de artes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

No que tange às imagens, os desafios e embates na atualização dos currículos têm se intensificado, sobretudo no âmbito da disciplina de Artes Visuais, na qual a imagem visual é o conteúdo central. Embora a compreensão e a defesa da importância da Cultura Visual na formação escolar não sejam novas meio às discussões sobre os conteúdos da disciplina (EFLAND, FREEDMAN, STUHR 2003; HERNÁNDEZ, 2007, OLIVEIRA, 2008 e ROGOFF, 1998), as imagens das obras de arte tradicionais e sua história hegemônica dominam as práticas curriculares vigentes, e figuram, explicitamente, nas propostas curriculares estabelecidas nas políticas públicas para a Educação como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018.

Pertencentes, sobretudo, aos acervos dos grandes museus europeus, as imagens emblemáticas das ditas “artes eruditas” predominam nos livros de História da Arte, por sua vez concebidos como história única e tais ícones da cultura de referência ocidental dominam não apenas os currículos universitários das formações docentes em artes, mas, também, no imaginário e gostada maioria dos professores.

As obras de arte, assim como todas as referências artísticas e epistemológicas outorgadas pela cultura culta que recheiam os currículos oficiais têm sido questionadas, na medida em que, sob determinadas mecânicas pedagógicas, são veículos combativos de enunciados culturais hegemônicos. Contudo, sob o jogo das ações juvenis, essas obras não são estáveis em sua forma original, poemas, falas e visualidades são reconfiguradas em benefício das relações que temos com os mundos que atravessamos e nos atravessam. Apesar das proibições e críticas escolares e familiares, as crianças e os jovens têm as redes sociais e o uso das imagens em plano relevante em suas vidas. Se relacionam com as redes e com as imagens de maneira cotidiana e as elegem como principal vínculo com a realidade. Conscientes ou não dos ônus e bônus dessa aventura, criam seus meios de explorar o mundo virtual e, na medida do possível, de se defender dos seus riscos. Suas colocações levam a pensar que de alguma forma aguardariam a atualização das escolas de modo a incluir essas instâncias ou dimensões na legalidade curricular. Algo que depende, certamente, não apenas do questionamento e desapego das crenças e concepções escolares que sobrevivem, incomodamente, na escola do século XXI remendando métodos anacrônicos e obsoletos, mas, sobretudo pelo respeito e consideração dos saberes que as novas gerações manejam e criam.

2.2 Autoimagens em rede

Aludindo a uma determinada ordem de militância, um pouco do que Nicholas Mirzoeff (2015) aponta em sua obra *How to see the World with the visual activism*. As minorias políticas e culturais, jovens que sempre estiveram a margem de um conjunto hierárquico e institucional, residentes das periferias e distantes do que denominaria de “bom gosto”, reconhecendo ou não, considerando ou não, recorrem à força a cada dia menos dispensável das imagens em suas lutas. Estar nas redes sociais e virtuais são campos de disputa em que a imagem é a principal arma utilizada no embate com a elite cultural e hegemônica. Expõem suas causas no limite do alcançável, que quase sempre reside nas ações cotidianas, nas quais o corpo é, frequentemente, veículo disseminador. Já há alguns anos, afinidades e afeições culturais são representadas em

produções domésticas modestas que acabam por conquistar repercussão não imaginada ou pretendida por seus autores. Performances artísticas, brincadeiras, situações sociais diversas, tutoriais jocosos são disponibilizados na rede. Muitos são rápido e eficazmente acessados por um número significativo *ciberspectadores*. Um jogo inimaginável de criações sobre criações é deflagrado e desfrutado de diversas formas nas práticas dialógicas que, conforme observamos, consolidam e caracterizam as nuances identitárias das novas gerações. Tal jogo aporta, entre muitas significações, formas de luta e proteção solidária entre sujeitos aproximados pela mesma condição de risco ou vulnerabilidade.

Fotografia 05: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Meio a intensidade e densidade da iconosfera (MITCHELL, 1986), majoritariamente dominada por imagens de indução ao consumo e à afasia política, a militância visual contemporânea se manifestaria nos corpos dos indivíduos e em suas produções culturais e visuais, há alguns anos facilitada pela tecnologia de captação, edição e disseminação de imagens. O campo de batalha é a Cultura Visual, cuja conceituação mais objetiva a compreende abarcando a diversidade de mundos das imagens, das representações visuais, dos processos de visualização e de modelos e padrões de visualidade. Mitchell, um dos seus mais importantes estudiosos recorre à expressão *pictorial turn* para se referir à discussão teórica à ‘virada’ da imagem, devido à importância que passa a ter para a compreensão da cultura contemporânea a partir das suas relações com as imagens visuais. A perspectiva da Cultura Visual se dá pelo interesse pelas construções culturais que partem e são permeadas pela experiência visual nas

mídias, nas produções e representações imagéticas cotidianas, redes sociais, comportamentos, Artes Visuais, etc. Referindo-se fundamentalmente à problemática decorrente das imagens visuais, seu volume, peso, produção e usos na atualidade e ao decorrente esforço à leitura, influências e demais jogos sociais das imagens e das construções imagéticas na realização da vida humana, a Cultura Visual é uma dimensão epistemológica que envolve tanto os acontecimentos a criação de meios para compreendê-los. É um campo de investigação aberto e multidisciplinar das imagens visuais, de sua fruição, circulação e criação.

Fotografia 06: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



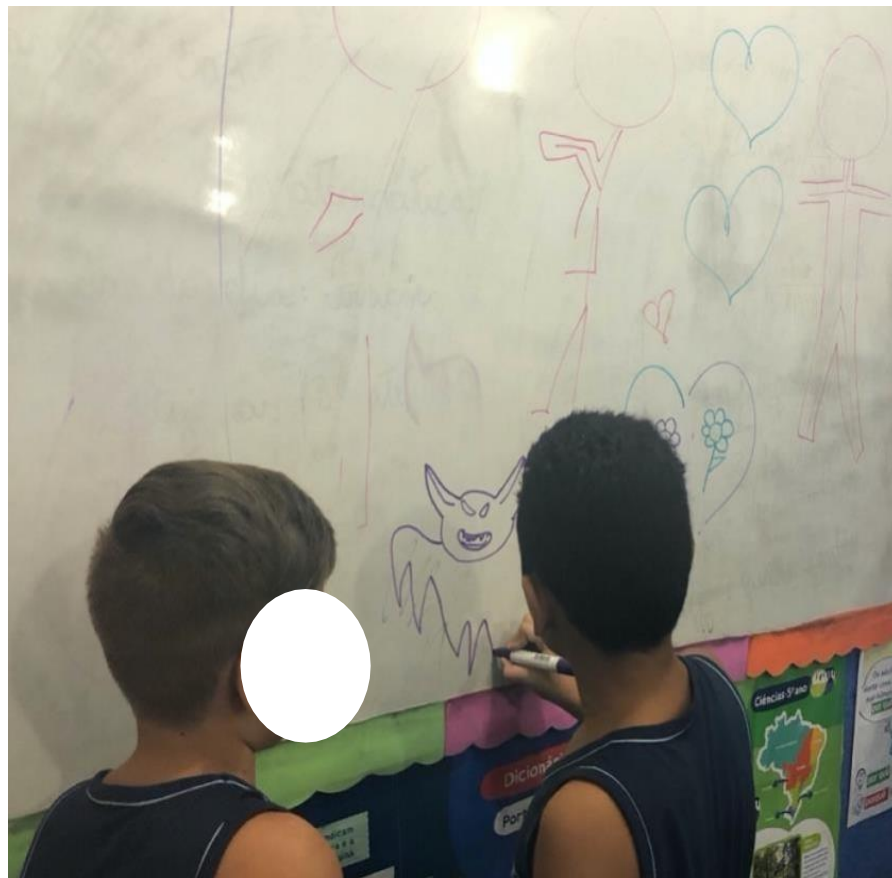
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Talvez nenhuma imagem tenha absoluta independência em relação aos olhos de seus interlocutores. Principalmente imagens que possam servir de entusiasmo para a encenação de sua reprodução. Wulf (2013) coloca que nossa época é marcada por muitos fenômenos surpreendentes, mas, ainda vê repetir a mesma fórmula humana de criar a partir da mimese, ou seja, cada aparente criação traz em si a participação de múltiplas cópias e reconfigurações. Podemos perceber na rede mundial de comunicação o fôlego que uma aparente criação original oferece a tantos outros fins e mesmo à criação de novas imagens. Imagens estas que surgem para fortalecer certas posições e certos postulados, seja nas Artes Visuais, na arte da

performance, na música e em toda manifestação humana individual nas quais se rebatem imposições desde a mais remota ancestralidade. Na época da virtualidade radical, em que uma parcela considerável das pessoas nas grandes cidades, e em especial os interlocutores da pesquisa se encontram, está cotidianamente se relacionando com a virtualidade da internet e suas redes sociais, não é diferente.

Amparado nessa perspectiva, busco o diálogo com alguns fenômenos que se destacam meio à produção visual dos estudantes por evidenciarem aspectos relevantes para a atual formação escolar. Dentre algumas produções e realizações artísticas na invenção visual de seus corpos remetida ao diálogo com os que transitam nas mesmas redes identitárias, além da afirmação política de seus pertencimentos. As imagens que criamos favorecem o entendimento da mutabilidade e alcance da produção artística, que nesse caso, ressignifica algo que facilmente seria considerado, sob os critérios estéticos supostamente hegemônicos, como desqualificado e condenável. Contudo, as imagens despertam grande admiração e manifestação de afeto de muitos jovens que transitam, constituem e ocupam territórios virtuais nas redes digitais, driblando de certo modo o estreitamento dos espaços físicos da cidade que lhe são oferecidos.

Fotografia 07: Registro do cotidiano de uma das aulas de artes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Todas as possibilidades de visualidades que fugiriam a um conforto estético hegemônico, euro referenciado e tributário à erudição e gosto burguês, são hoje, uma grande potência nos espaços que a juventude alcança. Os estudantes e uma gigantesca parcela de artistas sobre os quais direciono meu olhar, confessadamente afetado, criam de maneira corajosa excêntricas imagens de si, *selfies* em foto ou vídeo. Sendo importante, em benefício do melhor entendimento da dimensão ocupada pela imagem no plano virtual, retomar algumas considerações de Mirzoeff (2015) ainda em relação ao *selfie*, criação e compartilhamento da imagem que se escolhe para si. Mutável, editável, substituível, enfim, livre na inventividade das redes. No capítulo “*Selfies e a maioria planetária*” (idem p. 63), o autor observa que, na atualidade de grandes e intensas transformações, as categorias de identidade estão sendo refeitas e reformuladas. O autor afirma ainda que o lugar onde podemos perceber estes vislumbres é a *selfie*. Isto porque, quando as pessoas comuns se produzem e posam da melhor forma que podem para a *selfie*, elas alcançam momentaneamente o papel de um artista heroico. Cada *selfie* seria uma performance, uma criação artística da sua própria imagem, ou seja, da imagem que desejaria ser vista pelos outros. A *selfie*, teria então, adotado a estética tecnologizada do pós-modernismo e adaptada para audiência ilimitada da internet.

Fotografia 08: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

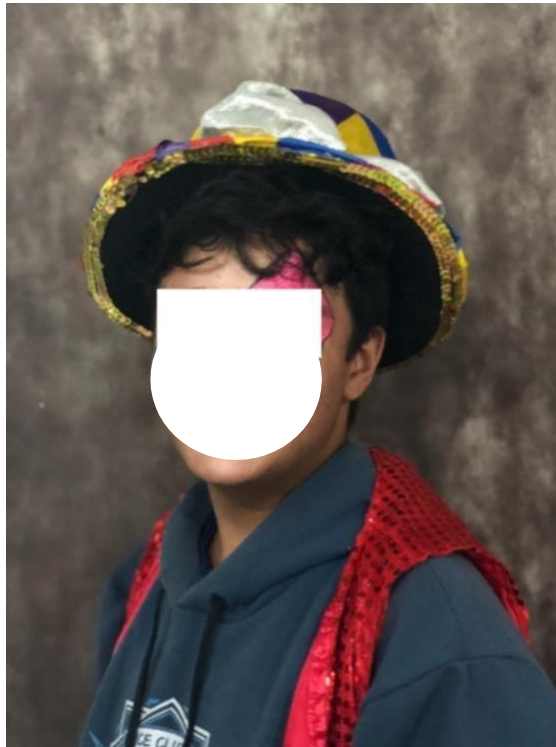
O fato inquestionável é que, online ou nas novas interações no mundo real com tecnologia, nós experimentamos o avanço e o desdobramento atualizadores da Cultura Visual. Efetivamente, nossos corpos habitam e circulam na rede e no mundo ao mesmo tempo. A

despeito dos julgamentos desqualificadores da cultura da performance digital como desastre estético e a obsessão pela autoimagem, o mais importante a ser considerado é a sua novidade e o poder da imagem de criação livre e circulação ilimitada. Portanto, o que já poderíamos afirmar com alguma certeza sobre a interação, uso e exploração da rede global pelos jovens é que ela sempre se modificará de forma frequente e imprevisível. Tais ações apresentam formas e caminhos que fatalmente poderão não fazer sentido para as gerações anteriores ao fenômeno digital e desafiá-las a repensar suas convicções a respeito dos assuntos que os jovens fazem e farão circular na grande rede.

[...] o fenômeno da “*selfie*” começou após o lançamento de câmeras frontais de melhor qualidade com o iPhone 4 em 2010, com outros modelos de telefone seguindo rapidamente. *Selfies* poderiam agora ser tiradas fora de casa ou usando flash sem resultar em um borrão de luz dominando a foto, como as fotos tiradas em espelhos, que eram essenciais na rede social Orkut nos seus tempos áureos de 2004 a 2010. Uma “*selfie*” é agora entendida como uma foto de si mesmo (ou incluindo a si mesmo) que se tira o próprio segurando a câmera no comprimento do braço. Um vocabulário visual padrão para a *selfie* padrão tem emergido. Elas saem melhor se tiradas de cima com o sujeito olhando para cima, para a câmera. A foto geralmente concentra no rosto, com o risco de fazer uma “*duck face*”, que seria “fazer beicinho”. Se você exagerar e sugar suas bochechas demais, *voilà*, a *duck face*. Essas poses estão refazendo o autorretrato global. Apesar do nome, a *selfie* é na verdade sobre grupos sociais (MIRZOEFF, 2015, p. 73).

A criação dessas imagens são crucialmente operações poéticas que realizam acontecimentos além de artísticos, mas também, politicamente oportunos. Compreendendo que a criação artística não é, ou ao menos, não deveria ser reduzida à definição aplicada pelo circuito das artes e ratificada nos manuais da burguesia. Portanto, uma *artividade* rebelde, inusitada e atraente para muitos emerge em rede e se firma a despeito do contraste de suas produções frente ao que postula a concepção hegemônica do que seria a Arte. Por outro lado, como lembra Maffesoli (1982), a temida e desprezada voz do povo, é a voz de Deus. Ou seja, a provocação, em nada amparada por qualquer adesão religiosa, metaforiza o dito popular para alertar sobre a potência indiscutível do que não tem nome, do que é disperso e uno na multidão, como a emergência epifânica das produções poéticas sobre as quais essa pesquisa se debruça.

Fotografia 09: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Fotografia 10: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Fotografia 11: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

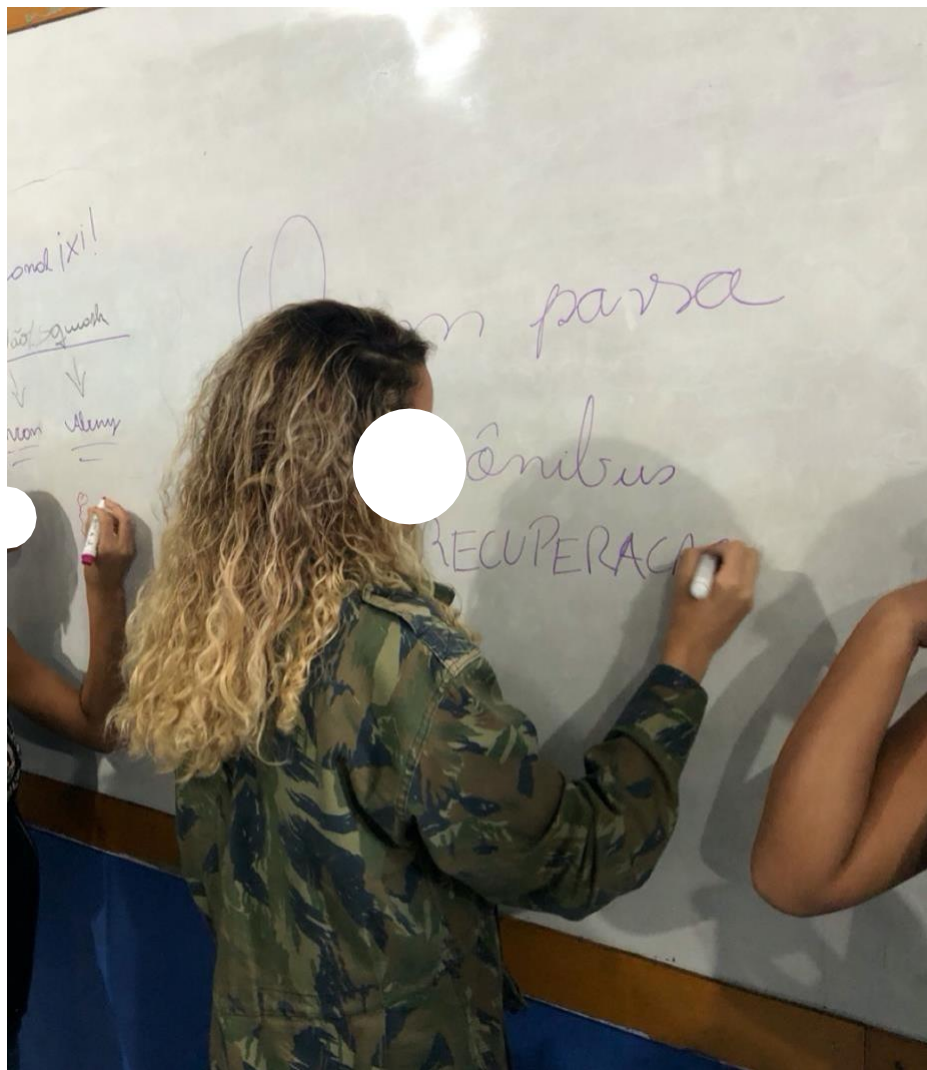
Fotografia 12: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Roger L. Taylor em seu livro *Arte Inimiga do Povo* (2006), por sua vez, afirma que a Arte não passaria de um jogo de cenas das classes dominantes para impor seu estilo de vida e vendê-lo como algo superior às preferências e afinidades estéticas das classes populares. Para Taylor durante o passar dos séculos, o que se considera arte foi sendo ajustado pela religião e pela nobreza como modo de defesa dos seus valores, que deveriam ser vistos pelo restante da população como a verdade absoluta. Com a ascensão da burguesia ao poder, o conceito foi sendo apropriado e alinhado ao exclusivo interesse dessa nova classe, que passou a entendê-la como mercadoria bastante lucrativa e uma forma de se estabelecer como detentora do que falaciosamente se denomina “bom gosto”. A propósito, conforme Bourdieu (1983), as localizações sociais correspondem a gostos específicos e, portanto, as escolhas e afinidades culturais não seriam aleatórias e desprovidas de sentidos e relações político sociais profundas.

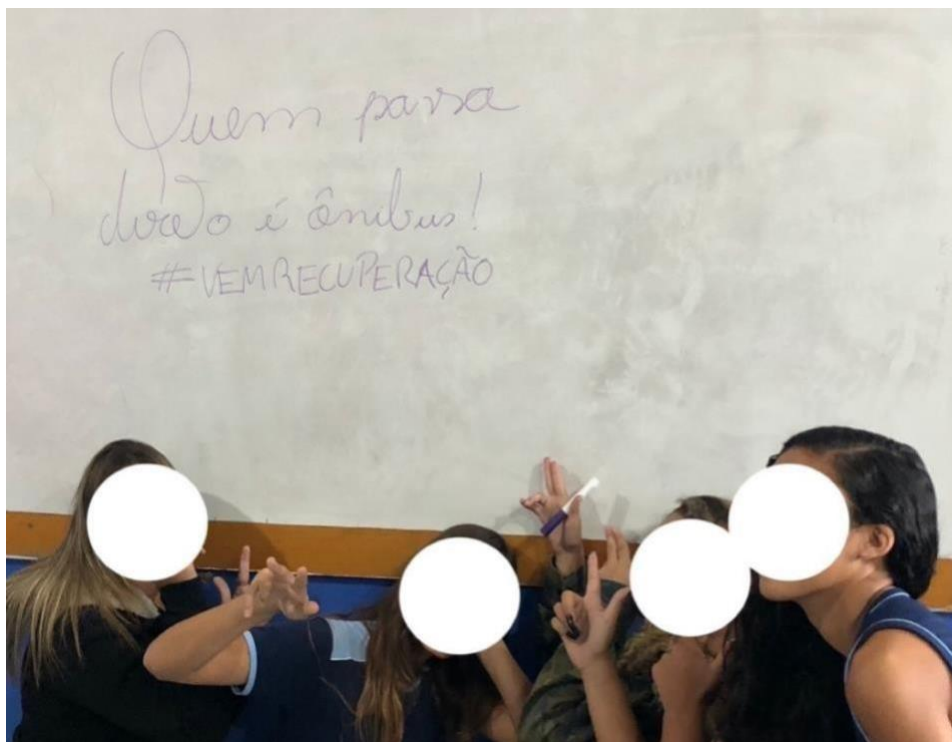
Fotografia 13: Registro do cotidiano de uma das aulas de artes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

A identificação e decorrente apreço às imagens de certa precariedade confrontadas com a produção visual *mainstream*, demonstram que o cerco mercadológico e seus dispositivos visuais e imaginais não só saturam os olhares como também não amortecem o desejo recalcado de viver experiências mais autenticamente relacionadas aos seus cotidianos. O retorno do recalcado (MAFFESOLI, 2004), a experiência orgiástica e dionisíaca sempre estaria como sombra sobre a atuação regulatória dominante. O pensador francês, Michel Maffesoli, explica em sua obra “A parte do diabo” (2004), a oposição simplificadora entre o bem e o mal, que o ancestral comportamento que fugia às leis da razão e ameaçava a ordenação da produção foi ao longo do tempo sendo duramente reprimido, contudo, como condição estruturante da humanidade o orgasmo², o diabólico, apenas se manteve à sombra da razão, recalcado sob a crescente implantação dos sistemas de exploração do trabalho, mas, não extinto. Assim, o orgasmo recalcado, em radical oposição às leis dominantes, apenas esteve à sombra e à espreita das oportunidades de retorno, notadamente nas manifestações juvenis, na arte e demais encontros dos quais emergem espontaneamente com o vigor de Dionísio. Como observamos, nas ações cotidianas dos estudantes que mais se dedicam à produção de suas imagens e relações tribais do que aceitam as imposições escolares.

Fotografia 14: Registro do cotidiano de uma das aulas de artes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

² O termo é descrito por Maffesoli (2004) como um tipo de pulsão que dialoga com o libidinoso, o errante.

Fotografia 15: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Fotografia 16: Registro do cotidiano de uma das aulas de artes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Fotografia 17: Registro de uma atividade que foi compartilhada pelas redes sociais dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Como podemos observar nas relações um tanto orgiásticas de consumo, e eventos promovidos pelos e para os jovens. Eventos nos quais a força da sensualidade, do prazer coletivo, derrisão, aventura, risco e demais experiências limite são exemplos emblemáticos. Infelizmente a avaliação desses acontecimentos sob a perspectiva do pensamento tradicional, resulta negativa e acusatória, pois compreende os excessos juvenis como sinais de decadência, resistência improdutiva ou afirmação da ignorância. Entretanto, para os protagonistas de tais experiências e criações se trata de resistência e recusa à dualidade simplista e politicamente útil aos beneficiados pela ideologia dominante, cada aventura ou produção estética ousada pelos jovens pode ser também compreendida como tática para diluir nas práticas cotidianas as dualidades e contradições moralistas consolidadas e impostas na modernidade.

Construir experiências poéticas, performances artísticas, modos de ser e estar na escola para esses jovens significam, ao contrário das acusações discriminatórias de falta de pudor, decadência e imoralidade, a recusa aos modelos que não lhes cabe e lhes reduz ao que não são e nem desejam ser. Assim, os jovens encontram a atualidade do mundo expressando as múltiplas faces do seu desejo, até as mais contrárias à moral, assim como encarnando muitos papéis diversos em aparência, significação e intensidade, dos mais discretos aos mais ostensivos, para, em última análise, dar consistência a integração comunitária por meio da participação afetiva nos e para os seus coletivos, ações que partem do indivíduo em rede e alcançam o mundo como se tudo se desse na familiaridade de suas casas.

Fotografia 18: Registro do cotidiano de uma das aulas de artes



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de considerarmos os papéis e as performances da imagem visual e das visualidades dos jovens estudantes é destacada ao longo dos últimos anos por vários estudiosos do campo complexo que envolvem imagem visual, modos de apreendê-la e fazê-la circular e da significância atribuída pela sociedade, principalmente pela juventude, a todo esse conjunto de produção visual. Na busca por dimensionar sua significação em muitos âmbitos da formação social, é preciso destacar os atravessamentos da Cultura Visual não só na vida cotidiana doméstica, nas artes, na mídia etc., mas também nas escolas. Assim a Cultura Visual, conforme reflete Mirzoeff (2015), deveria centralmente se ocupar criticamente das relações entre a imagem, suas produções e apropriações na atualidade global, na medida em que seria a interface entre as disciplinas nas quais as visualidades são elementos indispensáveis, e aqui em especial, o Ensino da Arte.

É preciso ampliar as estratégias que fazem parte do acervo educacional, não ampliando apenas os objetos da Arte e Educação com a Cultura Popular, mas de modo a “favorecer a mudança de posicionamento dos sujeitos de maneira que passem a constituir-se de receptores ou leitores a visualizadores críticos” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 38). É preciso quebrar as concepções hegemônicas sobre o que são manifestações e práticas artísticas e explorar outras visualidades, principalmente as que se encontram de forma tão efervescente no universo juvenil.

...não seria a arte-educação tal como a entendemos na atualidade o que nos ajudaria a assumir esse desafio, mas a construção do diálogo com outros relatos dos percursos realizados para construir narrativas visuais que deem conta do processo de indagação que vem sendo levado a cabo... Desta maneira, uma proposta educativa a partir da cultura visual pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas (anticolonizadoras), explorar as experiências (efeitos, relações) ... (HERNÁNDEZ, 2011, p. 44)

Por fim, sigo com o entendimento de Hernández (2011, p. 44) de que o Ensino das Artes deve propiciar acontecimentos de ensino que dialoguem com os fluxos de imagens dos sujeitos. Principalmente em se tratando da Educação Básica, minha área de atuação enquanto professor de Artes, é indispensável partir do entendimento de que as juventudes com as quais me relaciono já possuem em seu arcabouço visual uma gama de imagens, objetos e artefatos e esses podem, em interlocução com o que me proponho a ensinar, propiciar uma experiência ética e estética.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. *In*: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (org). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Edufsm, 2013. p. 6-12.
- EFLAND, A.; FREEDMAN, K.; STUHR, P. Teoria Posmoderna: Cambiar concepciones del arte, la cultura y la educación. *In*: EFLAND, Arthur; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. (org.). **La educación en el arte posmoderno**. Barcelona: Paiós, 2003. p. 39-98.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p. 31-49.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **L'ombre de Dionysos**. Contribution à une sociologie de l'orgie. Paris: Méridiens, 1982.
- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. *In*: OLIVEIRA, Marilda (org.) **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: UFSM, 2007. p. 19-40.
- MARTINS, Raimundo. Temporalidades múltiplas da imagem como pedagogias da interpretação. *In*: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA, 1., 2007, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: UFMS, 2007. p. 1-12.
- MARTINS, Raimundo. Por que e como falamos da cultura visual? **Visualidades**. Goiânia, v. 4, n. 1 e 2, p. 65-79, dez. 2007.
- MIRZOEFF, Nicholas. **How to see the world**: an introduction to images, from self-portraits to selfies, maps to movies, and more. Nova Iorque: Basic Books, 2015.

MITCHELL, William John Thomas. Nature and Convention: Gombrich's Illusions. *In: Iconology: Image, Text, Ideology*. Chicago: University of Chicago Press, 1986. p. 75-94.

OLIVEIRA, Marilda; FREITAG, Vanessa. A produção contemporânea como espaço de conflito no ensino de artes. **Visualidade e Educação**. Goiânia, n. 3, p. 117-130, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados**: regulação e emancipação no cotidiano escolar. 2003. Disponível em:

<<http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/inesbarbosadeoliveira.pdf>>. Acessado em: 30 de abr. 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educ. rev.** [online], n.29, p.83-100. 2007. ISSN 0104-4060. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602007000100007>>. Acessado em: 30 de abr. 2020.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Contribuições da perspectiva metodológica "investigação baseada nas artes" e da a/r/tografia para as pesquisas em educação**. 2013. Disponível em:

<
http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_2792_texto.pdf>. Acessado em: 30 de abr. 2020.

ROGOFF, Irit. Studying visual culture. *In: MIRZOEFF, Nicholas (ed.) The Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998. p. 24-36.

TAYLOR, Roger L.. **Arte inimiga do povo**. São Paulo, SP: Conrad, 2006.

WULF, Christoph. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

PROPOSTAS DE ENSINO



INSTAGRAM NA AULA DE ARTES

RODRIGO TORRES DO
NASCIMENTO

Colégio Pedro II

Rodrigo Torres do Nascimento

PROPOSTAS DE ENSINO: INSTAGRAM NA AULA DE ARTES

Rio de Janeiro

2020

LISTA DE CAPTURAS DA TELA

Captura da tela 01 - Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	05
Captura da tela 02 - Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	06
Captura da tela 03 - Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	07
Captura da tela 04 - Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	09
Captura da tela 05 - Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	10
Captura da tela 06 - Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	11
Captura da tela 07 - Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram. - Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.	12

RESUMO

Essa proposta de ensino busca adentrar sobre novas perspectivas para o Ensino da Arte a partir da Cultura Visual. É importante salientar que a contemporaneidade impõe a educação uma nova maneira de estar em sala de aula, e de pensar sua maneira de diálogo com os agentes educacionais que por ela permeiam. O avanço das novas tecnologias de comunicação que surgiram nas últimas décadas ressignificaram a maneira como os jovens dialogam entre si, e o grau de importância e relevância que dão a essas tecnologias em seus cotidianos é de grande intensidade. Nessa perspectiva, se buscou encontrar uma ferramenta que encontrasse diálogo entre o ensino da arte e a intensa relação dos estudantes do Ensino Médio com o mundo das imagens. O Instagram é o eleito dessa aventura e desponta entre as redes sociais virtuais na comunicação visual em rede, com um grande número de produção, edição e compartilhamento, de imagens, ele pode ser um importante auxiliador no ensino da arte na vida contemporânea.

Palavras-chave: Instagram. Cultura visual. Ensino da arte.

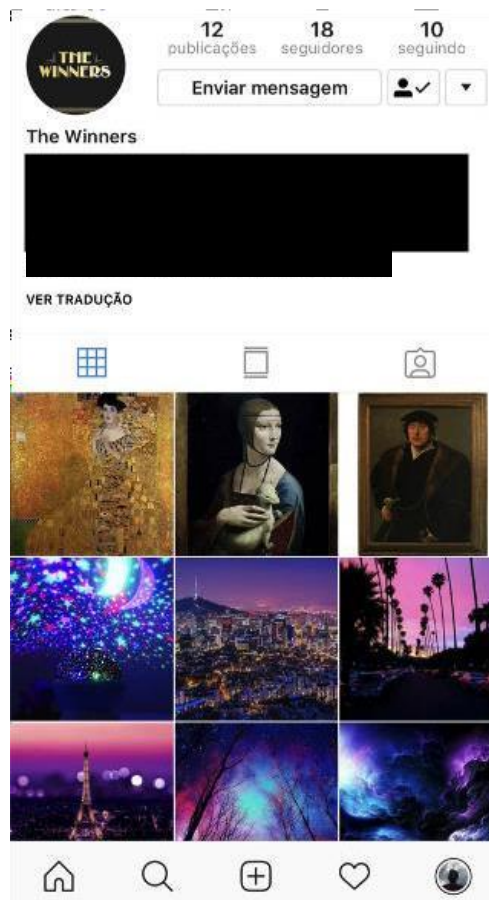
SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	ABORDAGEM TEÓRICA.....	8
3	UTILIZANDO O INSTAGRAM NA AULA DE ARTES.....	10
	REFERÊNCIAS.....	13

1 INTRODUÇÃO

Existe uma intensa relação dos jovens, estudantes de diversas escolas brasileiras, com o mundo das imagens, e como esse universo de trânsito de imagens e informações vence em aplicação e oportunidade, qualquer saber outorgado pelos currículos escolares. Imagens de obras de arte tradicionais não são estáveis em sua forma original, poemas, falas e visualidades são reconfiguradas em benefício das relações que temos com os mundos que atravessamos e nos atravessam. As crianças e os jovens colocam, a despeito das proibições e condenações escolares, as redes sociais e das imagens em importante relevância em suas vidas. Se relacionam com elas de maneira cotidiana e as elegem como principal vínculo com a realidade. Conscientes ou não dos ônus e bônus dessa aventura, parecem aguardar a atualização das escolas que se manifestará, inevitavelmente, por meio do respeito e consideração dos saberes que as novas gerações manejam e criam.

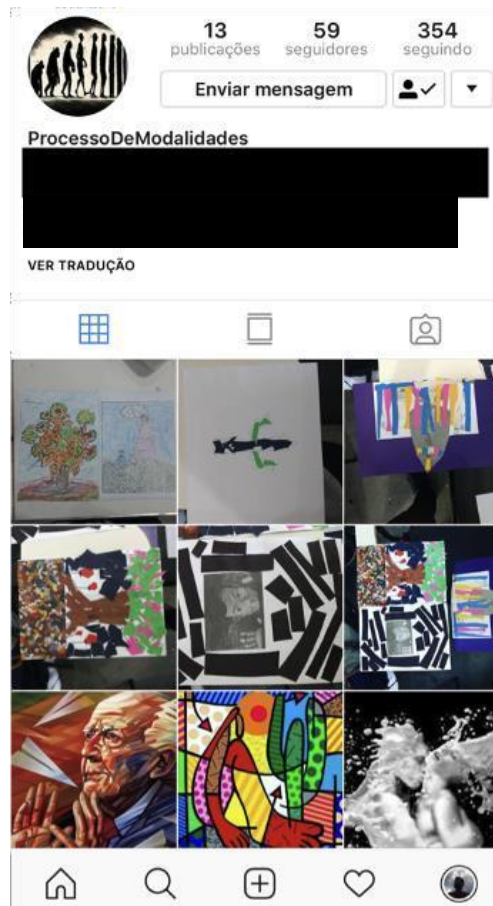
Captura da tela 01: Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

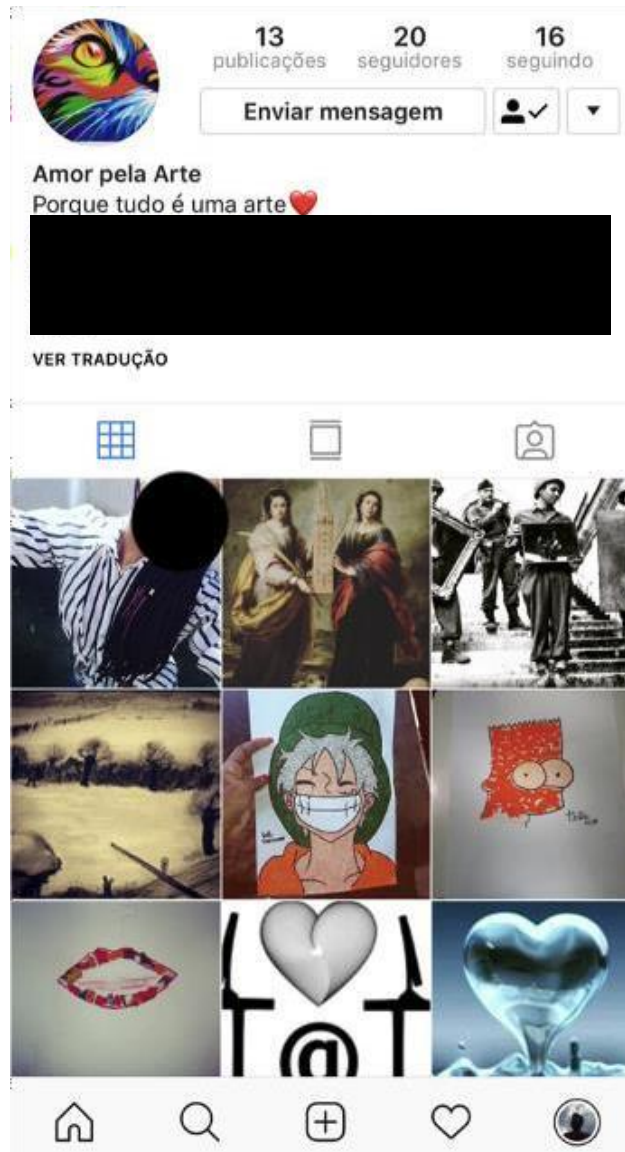
O uso do aparelho de celular em sala de aula foi visto como uma problemática por muitos professores e por coordenações e direções de diversas escolas brasileiras nas quais tive a oportunidade de dialogar ao longo da minha carreira enquanto professor, certo de que existem aqueles que não entendem o artefato como um impedimento ao ensino, foi notório que na maioria dos ambientes educacionais ele foi, e ainda é, considerada um problema. É um assunto que sempre é debatido nos conselhos de classe que pude participar e além da proibição já posta no Estado do Rio de Janeiro ao uso do aparelho na rede pública estadual, pela Lei nº 5222, de 11 de abril de 2008, o que direcionou também muitas escolas particulares a sua proibição, alguns professores, colegas com os quais tive a oportunidade de dialogar, sempre querem mais garantias de como de fato eliminar o aparelho. Percebo que essa insistência de muitos professores não se dá necessariamente por estarem alheios a importância do aparelho a juventude estudantil, mas a falta de orientação para dialogar com outras tecnologias, não familiares a educação escolar clássica.

Captura da tela 02: Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Captura da tela 03: Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Quase que no extremo oposto a organização escolar oficial, estão os jovens estudantes que encontrei nas escolas em que atuo. Eles sempre encontram maneiras de burlar as regras, independentes das proibições impostas, utilizam de diversos meios para continuar tendo acesso ao aparelho e partindo desta percepção, vale mais a tentativa de diálogo franco, aberto e reflexivo sobre a utilização de uma nova tecnologia de comunicação em sala de aula do que sua proibição monocrática.

2 ABORDAGEM TEÓRICA

Para Fernando Hernández (2011, p. 42), muitas pessoas consideram que a relação, principalmente dos jovens, com a cultura visual “(entendida como o espaço de relação dos sujeitos com imagens e representações visuais)” e popular, os desvia do que se considera (por parte significativa de professores com os quais dialoguei e também pelo senso comum) um “bom caminho” a ser seguido pela juventude. Em muitos ambientes educacionais, fala-se bastante sobre a má influência que a internet tem no dia a dia das crianças e adolescentes e que os celulares devem ser restringidos dentro das salas de aula. Hernández (2011, p. 42) trás um paralelo semelhante ao que ocorreu durante muitos anos com a televisão e sua possível influencia nefasta entre os jovens.

Tudo isso repercute na escola, que se sente, além do mais, ameaçada por algo que não controla e que não pode ‘avaliar’ em termos numéricos e/ou de competência: a relação crítica e performativa com a cultura visual. Se a isto se une a posição social de boa parte dos educadores, em cuja agenda de interesses tampouco se encontra pensar(-se) a partir da cultura visual, podemos completar um panorama que nos dá elementos para compreender esta distância que temos de salvar e o apaixonante desafio que supõe o que aqui estou propondo. (HERNÁNDEZ, 2011, p. 42).

Partindo de alguns dos princípios escolares oficiais, convém reiterar, a intenção das investidas curriculares que é aplicar um padrão de saberes a ser alcançado pelos estudantes. O grau de êxito e do rendimento escolar se dá em função da aproximação que cada estudante alcança em relação ao referido padrão, de um modelo de vocabulário, incorporação de certezas, aceitação de valores morais e estéticos, subordinação a uma referência específica de corpo, de sexualidade, de afeto, de saúde, ou seja, de um único e legitimado modelo e padrão de existência. Como qualquer modelo, o que destoa deve ser desconsiderado. Nesse caminho, se dá o sistemático impedimento à participação dos estudantes em decisões e planejamentos que lhe dizem respeito.

Trata-se da ação de uma máquina curricular de ordenação política. Entretanto, esse modelo legitimador da pretensa formação exitosa se esvai diante da circulação célere de elementos radicalmente estranhos aos currículos formais. São elementos virais, complexos demais para serem digeridos pela formalidade institucional. Entretanto, tais elementos são de manejo e jogo fácil e íntimo dos jovens que frequentam as escolas e delas fazem possibilidades

outras de aprendizados, uma ressignificação da instituição, encontros assumidos na prática cotidiana curricularmente produtiva e efervescente.

Captura da tela 04: Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram



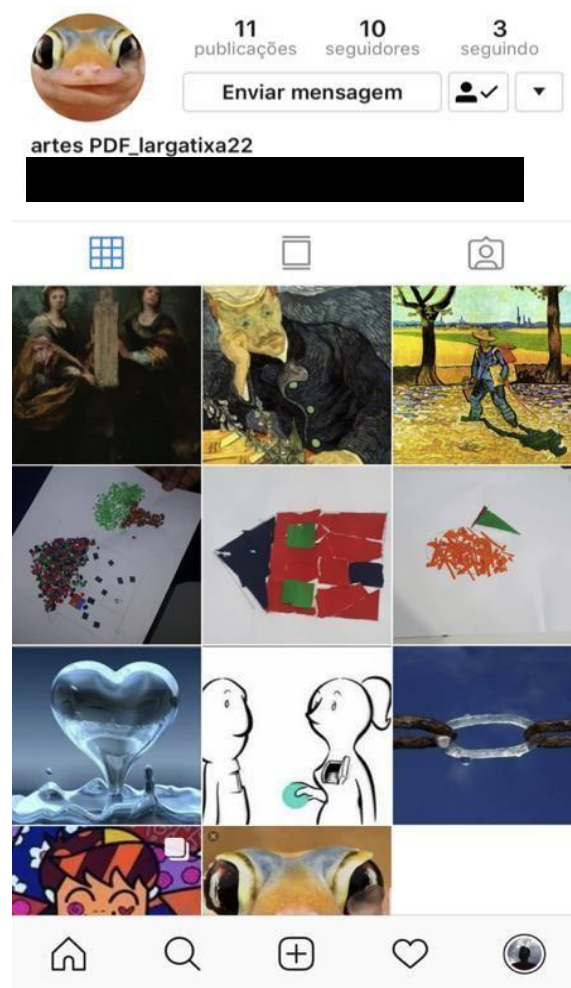
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Dentre uma diversidade gigantesca de redes sociais virtuais, principais mecanismos de socialização dos jovens contemporâneos, foi selecionado o aplicativo Instagram, que possibilita não só o diálogo entre a juventude mas também uma intensa produção, edição e compartilhamento de imagens, e sendo as imagens em seu intenso trânsito entre a juventude o principal interesse dessa proposta, se pretende então alinhar o aplicativo ao currículo praticado das aulas de artes, partindo da visão de cotidiano escolar de Inês Barbosa de Oliveira (2003) e de Cultura Visual de Fernando Hernández (2011), se pretende traçar uma proposta educativa que possibilite uma amálgama de saberes.

3 UTILIZANDO O INSTAGRAM NA AULA DE ARTES

Essa proposta de ensino é direcionada aos três anos do Ensino Médio. Onde se busca trazer uma ferramenta aparentemente inusitada e estranha à ambiência curricular oficial, o Instagram - rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em outras redes sociais - foi escolhido como plataforma para realizar uma cartografia de imagens dos estudantes durante um bimestre letivo.

Captura da tela 05: Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram



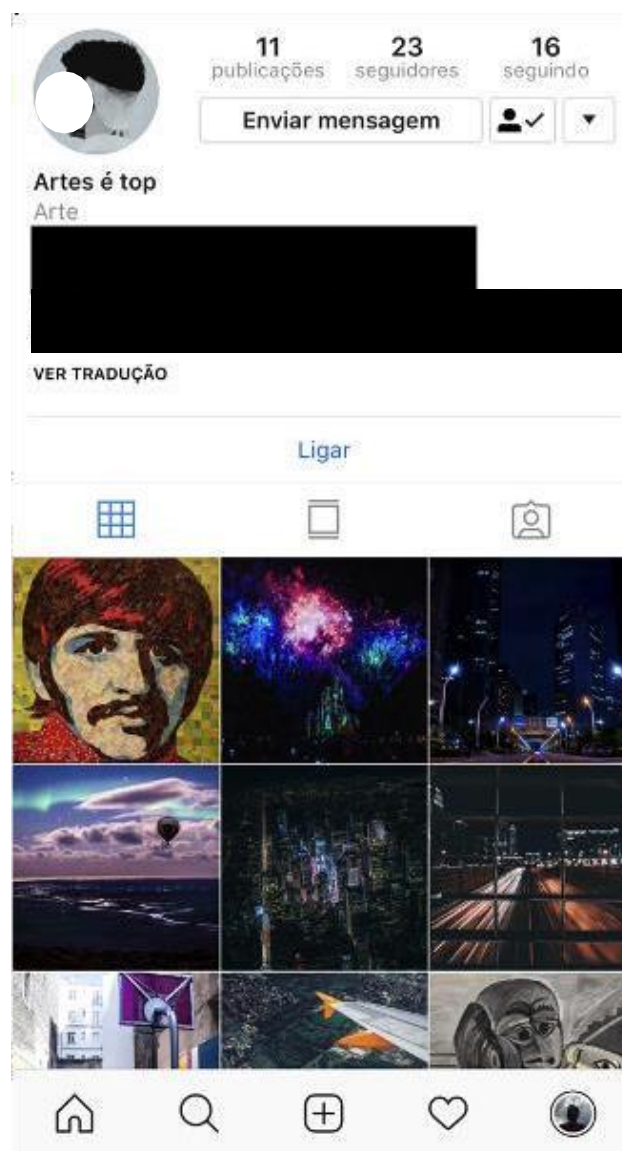
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Os estudantes em grupos ou individualmente, a depender da disponibilidade de celulares com acesso a internet, criaram contas na rede social, o Instagram, e durante todo um bimestre letivo, realizaram fotografias dos trabalhos propostos na disciplina de artes e também coletaram imagens na internet relativas aos conteúdos abordados em sala de aula, todas essas serão enviadas ao Instagram dos grupos e servirão de memória cartográfica para no final do bimestre,

em coletivo, estudantes e professores perceberem o conjunto de imagens selecionadas e as reflexões de cada uma delas encontradas nas descrições, comentários e *hashtags*.

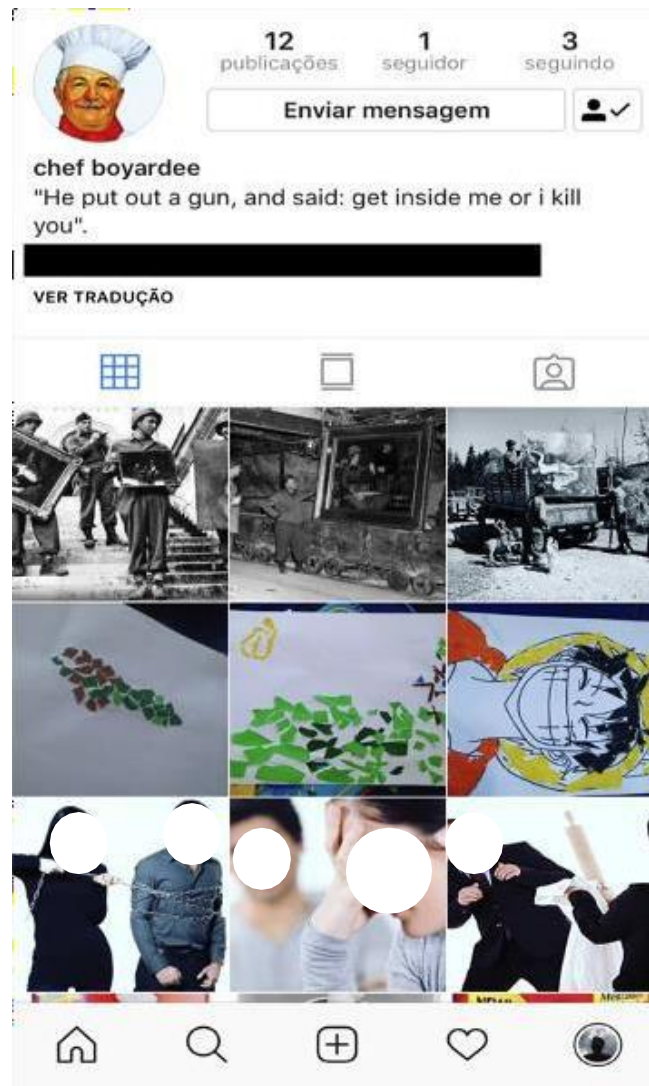
É importante salientar que durante a trajetória dessa proposta nas turmas do Ensino Médio que atuei enquanto professor, tivemos a oportunidade de ter computador com acesso a internet, projetor nas salas de aula e mais de 90% dos estudantes tinham acesso a um celular com rede de internet. Nesse contexto, foi orientado aos estudantes que se dividissem em grupos para que todos pudessem acessar a ferramenta, criar suas contas no Instagram e no final, projetar pelo computador as páginas de cada grupo nas redes sociais.

Captura da tela 06: Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Captura da tela 07: Uma das páginas dos estudantes na rede social Instagram



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

A seleção das imagens publicadas bem como sua edição no aplicativo, é feita em conjunto entre os estudantes e o professor. Sempre em sala de aula, as imagens serão produzidas e enviadas a rede social, que será pública, os estudantes podem seguir suas páginas pessoais e dos demais colegas, a ideia é dar a maior visibilidade possível ao trabalho. Entendendo o cotidiano das aulas como o principal idealizador das imagens a serem capturadas, os estudantes realizaram buscas de imagens relativas ao conteúdo trabalhado em sala de aula com o professor bem como fotografar os trabalhos realizados em sala, tentando contar um pouco da história que foi acontecendo durante todo o bimestre letivo.

REFERÊNCIAS

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p. 31-49.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados: regulação e emancipação no cotidiano escolar**. 2003. Disponível em:

<<http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/inesbarbosadeoliveira.pdf>>. Acessado em: 30 de abr. 2020.



INSTAGRAM
NA AULA DE
ARTES

